

ÚLCERA DE CÓRNEA EM CANINO: RELATO DE CASO

Amanda de Melo Araújo^{1*}, Luisa Biagini de Oliveira^{2*}, Vitória Azambuja Brum^{2*}, Luísa dos Santos Veber^{3*}, Patrícia de Freitas Salla^{4*}.

235

1* - Autora, discente do curso de medicina veterinária, Centro Universitário da Região da campanha – URCAMP, amandaaraujo189996@sou.urcamp.edu.br.

2* - Discente do curso de medicina veterinária, Centro Universitário da Região da campanha – URCAMP

2* - Discente do curso de medicina veterinária, Centro Universitário da Região da campanha – URCAMP

3* - Médica veterinária autônoma, Clínica veterinária Mascoti – Caçapava do Sul- RS

4* - Dr^a, docente do curso de medicina veterinária, Centro Universitário da Região da campanha – URCAMP.

A úlcera de córnea, também chamada de Ceratite Ulcerativa, é de grande incidência na clínica de pequenos animais. É caracterizada por lesões e inflamações nas regiões da córnea, que podem ser classificadas em superficiais ou profundas, sendo as superficiais menos agressivas se tratadas precocemente. Essas lesões são causadas principalmente por traumas, arranhões e infecções oculares, podendo ser detectadas através do teste de fluoresceína sódica. O presente estudo relata o caso de um cão da raça Shih tzu, atendido em uma clínica veterinária, com desconforto oftálmico, e lesões aparentes no olho direito, sugerindo úlcera de córnea. Foi realizado o teste de fluoresceína para a identificação da lesão e a confirmação da úlcera de córnea. Para o tratamento foi instituído uma solução oftálmica estéril à base de sulfato de condroitina A e ciprofloxacina, associado ao meloxicam. O tratamento mostrou-se bastante satisfatório, com a completa reepitelização corneal.

Palavras-chave: Olhos; Oftalmopatias; Caninos.

INTRODUÇÃO

Os olhos são os órgãos responsáveis pelo sentido da visão e pela captação da luminosidade, o olho está composto pela córnea, esclera, coróide, íris, pupila, cristalino, retina e o nervo óptico. A túnica é responsável por proteger e sustentar os componentes internos do olho (SAMUELSON, 2007) e se divide em córnea e esclera. Lesões na córnea podem predispor a opacificação corneal e até mesmo a perda temporária ou permanente da visão (GELLAT, 2011).

Entre as oftalmopatias frequentes em pets, a úlcera de córnea é a mais comum entre caninos. Dentre as úlceras as superficiais, podem ser resolvidas

com facilidade deixando apenas pequenas cicatrizes (STADES et al., 1999). No entanto, pode progredir para uma perfuração ou descemetocelose ocular e essas lesões podem ser irreversíveis, causando a perda da visão. Portanto, é considerado uma emergência oftálmica (GALERA et al., 2009).

O presente relato apresenta o caso de um cão com diagnóstico de úlcera de córnea, que após tratamento instaurado com colírio e anti-inflamatório não esteroide (AINE) com intuito de uma reparação corneal, apresentou melhora significativa do quadro e prognóstico favorável. Demonstrando ser um tratamento eficiente com completa reepitelização corneal.

236

METODOLOGIA

Foi atendido em uma clínica veterinária, na cidade de Caçapava do Sul, um canino macho de um ano de idade, da raça Shih tzu, castrado, pesando 2,5 kg, com o protocolo de vacinação em dia. Na anamnese, a tutora relatou que notou um incomodo no animal com o fechamento persistente das pálpebras no olho direito há pelo menos três dias.

Ao exame clínico foi realizada a inspeção geral de ambos os olhos para descartar presença de corpos estranhos, o animal demonstrava desconforto discreto no olho direito, conjuntiva avermelhada, blefaroespasma e lacrimejamento. Todos os reflexos estavam dentro da normalidade e a visão preservada. Apresentou Frequência Cardíaca (FC) 90 bpm e Frequência Respiratória (FR) 20 rpm, estando dentro dos parâmetros fisiológicos para a espécie. Mucosas normocoradas e normohidratado, temperatura corporal 38,8°C e linfonodos sem alteração.

Procedeu-se, então, a aplicação do teste da Fluoresceína: instilou-se uma gota de Fluoresceína sódica 1% em ambos os olhos, em seguida, o excesso de corante foi removido com Solução de Cloreto de Sódio 0,9%. Com o auxílio da lanterna e lâmpada de Wood, pode-se verificar uma área corada confirmando a suspeita clínica de úlcera de córnea (fig.1). Nenhum exame adicional foi considerado necessário.

Como tratamento, foi prescrito o uso de solução oftálmica estéril à base de sulfato de condroitina A e ciprofloxacina, uso tópico, instilar uma gota no olho direito a cada 12 horas, durante sete dias; meloxicam 0,5mg comprimido, a cada 24 horas, durante cinco dias; e o uso de colar Elizabetano, para a restrição do ato de friccionar o olho, durante o tratamento.

237

Na semana seguinte, foi realizado o teste de fluoresceína novamente, no qual não apresentou área corada (fig.2). Foi prescrito o uso de pomada tópica à base de gentamicina, hidrocortisona, vitamina A, e, vitamina D, pois observou-se um discreto trauma em torno do olho, pois o animal apresentava prurido no local. Sendo indicado o uso novamente do colar Elizabetano.



FIGURA 1 – Canino, da raça Shih tzu, com úlcera de córnea corada no teste de fluoresceína.

FIGURA 2 – Canino, da raça Shih tzu, com ausência de áreas coradas após o teste de fluoresceína.

No retorno, uma semana após o início do tratamento, foi observado a melhora do quadro e diminuição do blefaroespasma e lacrimejamento. A tutora, foi orientada a seguir com o tratamento conforme a prescrição anterior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os cães braquiocefálicos, são os mais afetados com a úlcera de córnea devido à grande exposição do bulbo ocular, os Shih Tzus são um exemplo entre essas raças (KOBASHIGAWA, 2014). De acordo com Peixeiro (2012), os sintomas associados incluem dor, desconforto nos olhos, contração involuntária da pálpebra e hiperemia conjuntival.

O diagnóstico de úlceras de córnea, deve ser realizado através do uso do colírio de fluoresceína, que cora de verde o local da ulceração, tornando-se melhor de se avaliar a profundidade da úlcera e algum processo de infecção, perfuração ou deterioração da estrutura da córnea (GONÇALVES, 2013).

No exame clínico do caso relatado, foi utilizado o método do colírio de fluoresceína, no qual, corou uma área do olho de verde confirmando o diagnóstico de úlcera de córnea.

Para Dias e Oliveira (2012), a cicatrização é um evento sistêmico que engloba inúmeros fatores que devem interagir entre si para haver uma boa evolução. É preciso que esses fatores sejam explicados e entendidos, para que os profissionais possam intervir no processo e gerar uma aceleração na cicatrização, sendo este um dos principais objetivos da rotina clínica.

Na maioria dos casos, o olho do animal pode ser salvo mesmo que perca sua função. Os medicamentos mais recomendados são os colírios, as pomadas e as injeções subconjuntivas (KERN, 1990).

CONCLUSÃO

A úlcera de córnea é oftalmopatia frequente entre os caninos, o diagnóstico é confirmado com a implementação do teste da fluoresceína. Podendo ser eficaz quando após tratamento há reepitelização completa.

REFERÊNCIAS

DIAS, R. V. C.; OLIVEIRA, I. V. P. M. Cicatrização de feridas: fases e fatores de influência. **Acta Veterinaria Brasilica**, v.6, n.4, p.267-271, 2012.

GALERA, P.D.; LAUS, J.L.; ORIÁ, A.P. Afecções da túnica fibrosa. In: LAUS, J.L. **Oftalmologia Clínica e Cirúrgica em Cães e Gatos**. São Paulo: Rocca Ltda, 2009. p.69-96.

GELATT K.N. **Veterinary Ophthalmology**. 4th ed. Philadelphia: Blackwell, 2007. p.1672.

GILGER, B.C.; BENTLEY, E.; OLLIVIER, F.J. Diseases and surgery of the canine cornea and sclera. In: GELATT, K.N. **Veterinary Ophthalmology**. 4.ed. Iowa: Blackwell Publishing, 2007. Chap.15, p.690-752.

GONÇALVES, Mariana Inês Pereira Coelho. **Conjuntivite em animais de companhia**. Dissertação. 2013. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 2013.

KERN, T.J. Antibacterial agents for ocular therapeutics. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v.34, p.665-668, 2004

KOBASHIGAWA. K. K.; Parâmetros Oftálmicos em cães adultos da raça Shih Tzu. 2014. 46 f. **Dissertação Mestrado em Cirurgia Veterinária**-Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, 2014.

PEIXEIRO. A. T. P. L. C.; Doenças Inflamatórias da córnea no cão e no gato. 2012. 77 f. **Dissertação Mestrado em Medicina Veterinária**-Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, 2012.

SAMUELSON. D. A.; **Tratado de Histologia Veterinária**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2007. Pág. 471-476.

STADES, C.F. et al. **Fundamentos de oftalmologia veterinária**. São Paulo: Manole, 1999. 203p.